

Carta 44 – As Sete Vogais Cantadas e o Sete Místico Oeaoohoo

Trecho 1

Bem, pessoal, boa noite. Hoje é o dia do nosso estudo das cartas dos Mahatmas. Vocês podem fazer as perguntas, no final a gente entra aqui. Boa noite, queridos amigos e irmãos que participam do nosso encontro pelo Zoom e pelo YouTube. Boa noite, teosofistas. Sejam bem-vindos ao nosso encontro semanal para estudo das cartas dos Mahatmas. Obrigado por sua participação, pelas eventuais perguntas e colocações que podem ser feitas pelos chats do Zoom e do YouTube.

Bem, nós vamos dar continuidade ao estudo da carta 44, que tem sido esmiuçada aqui ao longo desse ano todo. Estamos na pergunta quatro. E vamos continuar vendo as analogias que o mestre Morya fez entre o circuito e as vogais e agora as notas musicais, as vogais cantadas. Então, Tiquinha, seja bem-vinda.

Obrigada, Tinho. Boa noite a todos. Como sempre, é uma alegria estar aqui estudando com vocês. Hoje a gente vai entrar numa fase de mais pesquisa nas citações. A gente passou dessa fase histórica que eu tô chamando, que é a dos rituais dos sacerdotes egípcios com as sete vogais. E hoje a gente vai entrar na analogia do sol como logos, como sol nascente, como os raios que percorrem o céu, os sete céus. Depois, esses mesmos raios vão percorrer os sete mundos. Então, a gente tem um material muito rico e muito importante pra gente compreender tanto a cosmogênese quanto a antropogênese. E então vamos lá, Tinho.

É, na verdade, a gente tem destacado o termo circuito. Quer dizer, essas analogias todas mostram como que a energia percorre um

circuito que pode ser tratado simbolicamente pelas vogais, pelas notas musicais. E a gente tem explorado essas analogias do circuito percorrendo diferentes tipos de contexto, de planos.

Bem, então vou começar a compartilhar aqui. Hoje é dia 5 de outubro de 2026, no nosso sétimo encontro, carta 44 do mestre Morya. Pergunta quatro, as sete vogais cantadas e o sete místico. Vamos investigar esse termo que aparece várias vezes na Doutrina Secreta e fazer uma correlação entre as sete vogais e esse termo místico.

Aí, a gente sempre lembra da bibliografia que a gente utiliza para esses estudos, que não é só as cartas, mas toda uma literatura contemporânea às cartas que ajuda a embasar essas pesquisas que a gente faz. Então, além dos volumes um e dois das cartas, o guia de leitura para as cartas dos Mahatmas da Virgínia Hanson, registro de encontros com os Mahatmas teosóficos do Daniel Caldwell, a obra mais recente, onde ele registra todos os teosofistas da época que tiveram contato com os Mahatmas, o livro do Sinnett, o Budismo Esotérico, que ele escreveu depois de trocar essas correspondências com os Mahatmas, e as obras da Blavatsky, incluindo a primeira obra Ísis Sem Véu de 1877, a Doutrina Secreta de 1888, a Chave para a Teosofia que ela escreveu no final da vida, os escritos compilados de Blavatsky, que são outras obras que ela publicava em várias revistas diferentes compiladas pelo Boris Zirkoff, o primo dela, o Glossário Teosófico que foi uma publicação póstuma de 1892 pelo George Mead, que hoje inclusive vai aparecer aqui como um dos estudiosos do gnosticismo e o compilador e tradutor do Pistis Sophia, que a gente vai ver, que é uma obra também que foi bastante investigada pela Blavatsky e que ela incentivou o Mead a fazer essa tradução. A gente vai ver isso mais à

frente. E também os outros discípulos dos Mahatmas, como William Judge, que escreveu Ecos do Oriente, o Subba Row que escreveu A Filosofia da Bhagavad Gita, os escritos esotéricos de Subba Row, o Damodar Mavalankar e o coronel Henry Olcott, que aparecem nessa obra dos pioneiros do movimento teosófico, os grãos de colheitas teosóficas dos dois estudantes da escola esotérica, que a gente viu recentemente sobre como que a onda da vida faz a transição de um reino para outro, justamente entre o Globo G e o Globo A da ronda seguinte, o plano divino de Geoffrey Barborka, que é um estudante do século XX, não é contemporâneo dessa turma toda aí, e o Spierenburg também que fez a compilação dos escritos do grupo interno, os ensinamentos do grupo interno da Blavatsky, que essa obra ainda não tá em português, e a obra da Joy Mills sobre as cartas dos Mahatmas, que também não tá traduzida, Reflections on an Ageless Wisdom.

Muito bem. Então, no outro encontro estávamos explorando essa parte que eu marquei aqui, essa frase que o mestre menciona: as sete vogais cantadas pelos sacerdotes egípcios para os sete raios do sol nascente, as quais Memnon não respondia, significavam somente isso. Então, essa pequena frase aqui já rendeu o encontro anterior e hoje nós vamos novamente investigar. A Virgínia fez muitas pesquisas ali sobre os sete raios do sol nascente, qual é o significado esotérico dessa expressão. E a gente terminou o encontro anterior justamente com a Virgínia trazendo uma série de curiosidades históricas sobre esse monumento. Memnon é uma estátua colossal, colosso de Memnon, que fica no Egito. E essa estátua, a gente contou toda a história de que ela respondia, era uma forma simbólica de explicar o som que saía dela quando amanhecia o dia. E muitos turistas na época iam até lá fazer perguntas para esse monumento lá de Memnon. Então eu vou começar explorando um

pouquinho rapidamente o que a Virgínia trouxe, todas essas explicações na semana passada sobre quais eram as perguntas que o pessoal fazia. Tem todos uns documentos históricos sobre isso. E eu fui na própria literatura dessa toda que a gente mencionou na bibliografia recomendada, pesquisar se esse termo aparecia e realmente encontrei ele, algumas citações sobre ele. Então, aqui está essa estátua, essa imagem aqui da esquerda, ela tá um pouco mais preservada, um desenho de como a estátua já foi no passado. Então, em Ísis Sem Véu, como a gente mencionou no volume dois, a Blavatsky cita, ela resume essa história que tá dita nas cartas dos Mahatmas. Então, o que a Blavatsky falou sobre isso? Os sacerdotes egípcios cantavam as sete vogais como um hino dirigido a Serápis e ao som da sétima vogal e ao sétimo raio do sol levante, o sol nascente, a estátua de Memnon respondia. Então é a mesma história que o mestre contou rapidamente ali na carta pro Sinnett, narrada de outra forma. Então, a gente pode explorar, fazer um cruzamento entre essas duas formas de contar essa curiosidade. E aqui ela fala que eles cantavam as vogais como um hino dirigido a Serápis. E quem era Serápis? Eu botei uma foto até simbólica aqui também do Serápis. Lá no Glossário Teosófico, é um termo egípcio. A gente tem até um dos mahatmas que chama Serápis Bey, da fraternidade.

Trecho 2

OS SETE RAIOS DO SOL NASCENTE

Serápis, esse grande deus solar que substituiu Osíris no culto popular e em cuja honra as sete vogais foram cantadas. Quando era representado, era-lhe frequentemente dada a aparência de uma serpente, um dragão de sabedoria, o maior deus do Egito nos primeiros

séculos da cristandade. Volta de novo aquilo que a gente tem visto com frequência, que é o dragão da sabedoria. Serápis como Osíris, Osíris como sol, sol como logos. O logos é o dragão da sabedoria, ele que traz o pensamento divino, a mente universal. É tudo gira em torno da mesma ideia. E essas sete vogais dirigidas a Serápis, pode-se entender que é o sol levante. E o sol levante é a passagem do logos indiferenciado e manifestado para o primeiro, o segundo logos, que é a abstrata coletividade. Então é esse sol central, esse sol levante que está nascendo com o manvantara e também é um sol que está iniciando a sua influência no sistema solar. Isso tudo o mestre Blavatsky está dizendo sobre essas sete vogais, que depois a gente vai corresponder aos sete céus, que são os sete planos. Essa parte que o mestre quer nos dizer é que o princípio da vida vai percorrendo um circuito. Se a gente pensar no manvantara, no pralaya, nos sete planos da manifestação, se a gente pensar no sistema solar, são sete globos de uma cadeia planetária. É esse ensinamento que eles estão querendo passar para a gente.

E analisando um pouco melhor essa citação que diz que ao som da sétima vogal a estátua respondia, nessa figura central tem uma imagem: se você observar, tem sete estrelinhas na mão do deus, como se fosse da Aurora, da mãe de Memnon, Aurora, a Eos. É a mãe do Memnon. E aqui estão as sete vogais, começando de baixo: o alfa, eta, iota. Esse O aqui o que é mesmo? Ali é ômicron, Y, e o ômega lá em cima. A sétima vogal é o ômega. A gente sabe bem o alfa e o ômega. E agora tem o I no centro. Mas tudo isso é um circuito. É um circuito que a gente já viu que pode ser os sete globos da cadeia planetária terrestre, que podem ser os sete planos, a gente vai ver hoje. E essa natureza setenária, quer dizer, a natureza se expressa em sete elementos. Por isso esses

circuitos são constituídos de sete elementos de várias formas. Se a gente for generalizar todos esses ensinamentos, a gente pode pensar nisso.

O mais importante é a gente lembrar que o sol levante, o sol nascente, é o início da manifestação de um ciclo. É isso que ele quer dizer. E as sete vogais eram dirigidas a esse sol que está aparecendo, está nascendo, reaparecendo, renascendo. E esses sete raios significam a força dele para iluminar tudo: os sete planos, os sete globos, sete princípios. É o princípio vital quando ativo, que o mestre falou, percorre um circuito. E é isso que a gente está vendo em todas as citações.

Recapitulando: a gente tem a imagem do Memnon à esquerda, a Aurora, que é essa mãe do Memnon, no centro, e o Serápis, que era o grande deus solar que substituiu Osíris. Está aqui o deus solar, tem um sol atrás dele, em homenagem a quem eram cantadas as sete vogais.

Nessa figura dá para ver dois turistas em relação aos colossos, como são realmente impressionantes os colossos, e os colossos já bem destruídos, tantos terremotos, tantas reconstruções. E novamente a Blavatsky faz outra menção a Memnon: "Desafiando a mão do tempo, a vã pesquisa da ciência profana e os insultos das religiões reveladas desvendarão os seus enigmas apenas a alguns dos legatários daqueles aos quais foi confiado o mistério. Os lábios frios e pétreos do outrora oral Memnon" — quer dizer, é justamente quando ele respondia — "e daquelas esfinges intrépidas mantêm os seus segredos bem guardados. Quem os deslacrará? Qual dos nossos anões materialistas modernos e dos nossos saduceus incrédulos ousará erguer o véu de Ísis?" Ela está fazendo uma provocação para a ciência, sobre que justamente em Ísis estava se propondo a erguer uma pontinha do véu de Ísis e trazendo

esses segredos todos, essas explicações esotéricas para vários mistérios. E aqui ela fez uma lembrança de que os lábios de Memnon, que já responderam em algum momento no passado, não estavam mais respondendo, então estavam mantendo os seus segredos bem guardados, como uma analogia ao ocultista, que tem que ouvir e calar. E também isso aí parece que nós entendemos essa provocação de Blavatsky e nós estamos tentando, pelo menos com o mestre Morya, levantar um pouquinho esse véu, que é um sol nascente, com o que são os sete raios. E essa analogia histórica que ele fez a Memnon. Então, como estudante pegando alguma frase enigmática e separando suas partes, entendendo cada uma das partes, talvez a gente possa, com muita humildade, tentar decifrar aquilo que está aparecendo para nós. Esses mistérios a gente está tentando trazer hipóteses para que pela lógica, pela intuição, a gente consiga entender um pouco desses mistérios que estão colocados em toda a obra.

Encerramos o Memnon, e essas foram as duas citações que encontrei sobre Memnon em Ísis. E agora a gente vai continuar com a questão dos sete raios do sol nascente, de Ísis. A gente está posicionado novamente na pergunta quatro da carta 44. Vamos relembrar um pouco onde a gente está, porque no final a gente começa respondendo uma pergunta e vai ampliando esse escopo, e talvez a gente perca a linha de encadeamento que tem feito. Então, pela resposta do mestre, a gente elaborou algumas perguntas para que pudéssemos fazer o encadeamento desse ensinamento. A gente já respondeu, já trouxe aqui quem eram os sacerdotes egípcios que cantavam as sete vogais. Nós já falamos quais são as sete vogais, quem era Memnon, e agora a gente vai estudar esses sete raios do sol nascente, que o mestre colocou como talvez o personagem principal daquele koan. E depois, finalmente,

a gente vai trazer a síntese dessas partes que a gente tem trabalhado, para fazer a síntese do ensinamento desse texto conciso que o mestre nos entregou.

Trecho 3

REFERÊNCIA AOS SETE RAIOS DO SOL NASCENTE

O que significa referência aos sete raios do Sol nascente? Vamos trabalhar agora com o Sol como imagem do Logos e da luz manifestada. A ligação que queremos fazer é que o Sol nascente é o Logos, e a sua luz é a luz manifestada no cosmos.

Isso aqui é da Doutrina Secreta: cada universo, mundo ou planeta possui seu próprio Logos, diz a Doutrina. O Sol sempre foi chamado pelos egípcios de o olho de Osíris, e ele era ele próprio o Logos, o primogênito ou a luz manifestada ao mundo, que é a mente e o intelecto divino do oculto. É apenas pelo raio sétuplo desta luz que podemos conhecer o Logos através do Demiurgo. Essa passagem na Doutrina é recursiva, mas vamos conseguir separar aqui também.

Então ela está falando que cada universo, cada circuito, possui o seu próprio Logos, diz a Doutrina. O que é o próprio Logos? Aqui ela passa para a filosofia egípcia. O Sol sempre foi chamado pelos egípcios de olho de Osíris — e ali vimos que ele também era Serápis, que também era um nome para Osíris, foi sendo substituído. E o próprio Sol era o Logos, o primogênito ou a luz manifestada ao mundo. Vou parar aqui antes de chegar na mente. Então o Logos do primogênito, qual é? É o Logos número um. Logos emanado, mas ele ainda não nasceu, porque ele vai nascer quando receber a energia; aí ele fica ativo. E agora ela também está falando que o Logos, o primogênito, é a mente universal — não a cósmica —, a mente e o intelecto divino do oculto. Então o

Logos como primogênito traz o pensamento divino para nós, a ideação cósmica, e ali vai ser a luz manifestada no mundo quando ele começar a se diferenciar, a se manifestar nos sete planos da diferenciação.

E agora ele fala uma coisa mais próxima da gente: é apenas pelo raio múltiplo do Sol que podemos conhecer a ideação através do Demiurgo, que vão ser os sete Arris, aqueles que vão construir o mundo manifestado. Então temos o Logos emanado como a mente, o intelecto oculto e divino do oculto. Temos o Sol nascente, que seria o coração de diamante, o Logos dois, quando o intelecto, a sabedoria divina, se reflete nele e se transforma em nascente, na energia que faz o Logos se manifestar. E depois, quando chegamos no Logos número três, no Mahat, nós, os demiurgos, os construtores, os seres, vamos conhecer esse intelecto oculto divino por meio dos seres criadores, por meio da produção das formas e dos seres, por meio dessa ideação que está na mente cósmica, que vai se refletir nos sete Arris e na hierarquia dos Dhyan Chohans.

Isso aqui está misturando cosmogênese — o início do cosmos como Mahat — e depois como o cosmos manifestado através do Demiurgo. Sim. Pois é. Aquilo ali, "cada universo, mundo ou planeta", eu acho que seria um exemplo de circuito: tem um circuito, possui o seu próprio Logos. Mas aí pensando também naquele circuito do Ouroboros, que a Mahat desperta, quer dizer, tem o Logos que é o primogênito, ou seja, o primeiro que aparece, o primeiro filho desse circuito ali, mas tem também a energia que vai circular pelo circuito. E essa luz manifestada é resultado dessa energia passando pelo Logos. Seria isso então essa luz manifestada ao mundo.

É, existe a luz que não está ativa, que ainda é trevas; depois, quando entra no Manvantara, se torna luz. Essa luz é a energia do Logos, porque o Logos é a ideação, é estático. A luz do Logos é que dá o dinamismo a esse Logos. Por isso que depois ali temos Logos mais luz do Logos, Logos mais Daiviprakriti. Ali estamos com o Sol nascendo, porque ele está ativo. E depois esse Daiviprakriti é no mundo arupa, no mundo rupa; é aqui que entra o Fohat, que é essa energia, que é o princípio vital que o Mestre fala. O princípio vital, quando ativo, trabalha por circuitos. Então é exatamente o que ele está falando.

E depois, se pensarmos que os Arris — isso é uma coisa que eu aprendi, eu pensava que os Arris só trabalhassem no mundo rupa, nos sete Arris aqui como um reflexo de Mahat. Não, esses Arris começam no primeiro plano. Eles estão ali no Logos emanado, mas estão em manifestados. Depois eles se tornam abstrata coletividade dos deuses criadores, e depois se individualizam ali quando passam no Mahat. Então aqui é bonito. E depois ele fala: é apenas pelo raio sétuplo dessa luz. Vamos pensar já no mundo manifestado, os sete Arris ativos, as sete forças criadoras, é que podemos conhecer a ideação, o intelecto divino que estava oculto, por meio dos seres que vão criar, dos deuses criadores, dessa hierarquia enorme, múltipla, de Dhyan Chohans — e inclusive a gente, né, que está naquela pontinha lá embaixo querendo nos tornar um ser criador responsável.

Os Demiurgos são esses seres emanados, parte do Logos? A partir disso, o Logos. Sim. Mas, estritamente falando, o Demiurgo começa já no Logos dois, porque ali já está abstrato. Então esse Demiurgo, mas como construtor, trata da coletividade de deuses criadores. Isso já é um demiurgo, porque eu procurei algumas citações falando sobre demiurgo

e vi que o demiurgo é como se fosse a alma do Logos manifestado, quer dizer, como se fosse a expressão do Logos imanifestado. Então o demiurgo é isso: a abstrata coletividade, depois a individualização, depois os sete Arris construtores aqui embaixo. Certo.

Então, só para sintetizar: o Sol pode ser pensado como se fosse o Logos, a luz manifestada. Quer dizer, o Sol é o Logos, o Sol nascente é a luz manifestada, e ela se manifesta nos planos por meio de um raio sétuplo.

Agora vamos pegar essa parte que estávamos falando de pensar os sete raios como a expressão de Mahat nos quatro planos da manifestação, no quaternário inferior. Então, do Logos, do Logos manifestado, aos sete raios. Vou pegar também o comentário sobre a Doutrina Secreta: é o terceiro Logos, ou Logos manifestado. Em outras palavras, o universo subjetivo e objetivo. Aqui ficou um pouco sem contexto, porque antes a Blavatsky explica muito o que era o Logos emanado e a sua primeira tentativa de se manifestar num plano mais denso, que seria o segundo Logos. Então ela fala aqui: é o terceiro Logos, ou Logos manifestado. Em outras palavras, o universo subjetivo, representado pelo Logos um, e o objetivo, que são os quatro planos, é representado pelo Logos três, ou o Logos manifestado, Mahat, mente cósmica. Ademais deste Logos manifestado emanarão os sete raios, que no Zohar são chamados de Sephiroth inferiores e no ocultismo oriental, os sete raios primordiais. Daí procedem as inumeráveis séries de hierarquias. Mas deixa eu voltar aqui. Então aquilo que estávamos falando no outro slide...

Trecho 4

que os sete raios antes podem representar os sete céus,

os sete planos, mas quando emanam do terceiro logos, eles são os sete raios ou os arcos que a gente conhece, os sete arcos que ele chama dos sete raios primordiais. E daí procedem as inumeráveis séries de hierarquias de deuses criadores, que são os dhyanis.

E agora, Blavatsky novamente. O que são os raios prismáticos, por favor, senão o único raio branco? Alguém perguntou a Leadbeater e ele respondeu isso. Do um eles se tornam três. Do três eles se tornam sete porque existe a escala prismática das cores. Então o que a gente está pensando? Do raio branco, que é o raio imanifestado, um, que é o logos imanifestado, eles se tornam três, que são os três logoi — logos um, logos dois, logos três, que é aquele triângulo no mundo arupa. E depois eles se tornam sete, que são os sete arcos que moldam o mundo manifestado, no quaternário inferior. Ela quer mostrar que o um se manifesta em sete aqui nos planos, mas continua sendo um raio único, porque na volta também todos esses sete raios vão novamente se condensar no raio único no pralaya. É importante essa frase: do um ele se torna três, do três ele se torna sete. Essa é uma chave que ela está usando aqui para explicar em relação às cores, mas que a gente já vai ver essa mesma chave usada em relação ao som. Então a gente vai ver também o um se dividindo em três, se dividindo em sete, e sempre circuitos que vêm do um, vão descendo do um para três para sete, depois voltam do sete para três, para um, retornando. Essa energia percorre o circuito de um para três para sete, depois sete para três para um, tanto nas cores quanto nos sons, como nas vogais e como nos planos, em tudo.

Então aqui, só para deixar como lembrete: se torna três, se torna sete, e primeiro logos, um. Terceiro logos com a síntese desse triângulo, que é logos 1, logos 2, logos 3. Do terceiro logos são emanados os sete raios

primordiais, e deles são emanadas toda a hierarquia construtora e reguladora desse mundo manifestado. E talvez a gente possa até falar que dos sete vai ter os 49? Cada um em sete, então seria um outro número nessa escala, o 7 x 7, cada um dos sete raios em outros sete. E assim a unidade se transforma na multiplicidade.

AS SETE VOGAIS E O SOM SAGRADO:

A gente fez um estudo semana passada, quando eu falei que esse termo "sete vogais" — eu fui investigar, achei várias situações sobre sete vogais e agrupei as sete vogais associadas a esse sete místico e ao som. Seriam sete vogais. Ainda é um estudo. Eu fui colecionando as citações que encontrei sobre isso e vamos ver se a gente consegue. No final vou fechar com uma hipótese.

Você se lembra também, num PGM, naquele ritual egípcio, que falava que as sete vogais são cantadas por nome sagrado? Lá também naquele ritual já falavam do nome sagrado.

Pois é, A Doutrina Secreta tem várias passagens sobre o som, e acho que agora, pensando nele como essas sete vogais, vai ajudar a gente a entender lá A Doutrina Secreta, no outro estudo complementar que a gente faz às sextas-feiras.

Então o som é traduzido nos comentários por "pai e mãe dos deuses" ou "o seis em um" ou "a raiz centenária de que tudo procede". Dependendo do acento que se dê a essas sete vogais, podem pronunciar-se como uma, três e até sete sílabas, acrescentando-se um "e" depois do "o" final. Então, talvez seja o "a-u". Esse nome místico somente é divulgado porque sem a posse do segredo de sua tríplice pronúncia não produz efeito algum. Então aqui justamente essa ciência dos mantras, que os arhats dominam, tem um jeito de pronunciar que

produz efeitos, mas é um nome místico que os mestres sabem como pronunciar — entonação, duração de cada vogal, ritmo — e somente dessa forma elas vão provocar os efeitos que a gente nem sabe quais são. Eu até mencionei Blavatsky, que foi salva da morte pelo Mestre Morya, e é dito isso, que ele entoou alguns mantras lá durante aquela noite em que ela estava quase morrendo. Então quer dizer, tem um efeito curativo aí que a gente não sabe como acontece.

E eu trouxe também do glossário teosófico esse termo. Eles colocam em duas formas diferentes: ou é "a-e-o-hu" ou é "a-e-a" — a gente não sabe nem como pronuncia isso, mas a forma como se pronuncia depende do sotaque. Trata-se de um termo esotérico para o seis em um. O sete místico. De novo, o que estava dito lá na Doutrina Secreta: o seis em um, a raiz centenária. Aqui de novo no glossário, que reforça isso: o nome oculto para a manifestação sempre presente, formada de sete vogais do princípio universal. Então, pensando nesse princípio universal, é uma forma de se referir a ele como essas sete vogais, esse princípio único que depois vai se diferenciando de um para três.

Quando eu vi esse "é" traduzido nos comentários por "pai e mãe dos deuses" — o pai e mãe dos deuses é o logos dois? É o logos que recebeu a energia. E ele depois fala que o nome oculto para a manifestação sempre presente. O nome oculto para a manifestação quer dizer o princípio universal latente que começa a se manifestar quando é o nascente, quando ele já está energizado. Então isso é muito bonito porque vai sempre com outros nomes dando o mesmo conceito pra gente. Exatamente. É justamente esse estudo comparado de vários tipos de tradições e de conceitos que a gente vai solidificando essa doutrina esotérica. Então, esse princípio universal formado de sete

vogais é exatamente o que o mestre colocou ali como princípio único. Então, o universal é o princípio único. Você vê que está tudo muito bem amarrado em muitas citações.

Deve ser levado em conta que os termos Brahma e Parabrahman não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Sempre lembrando que isso foi todo um estudo trazido para nós aqui do ocidente. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao todo uno e ao uno tudo, todo em tudo também da Doutrina Secreta. Então, de novo, essa referência ao todo uno, ao princípio universal, pode ser feita com uma, três e sete vogais.

Eu queria comentar mais uma coisa aqui: quando eu li, então a gente viu aqui na segunda citação que era o princípio universal, que era o princípio único que o mes...

Trecho 5

o princípio único quando ativo, quer dizer, ele já está na manifestação. E aqui depois ele fala que corresponde ao todo Uno ou Uno todo em tudo. Porque depois que o mestre faz todas as analogias, ele fala: tudo é uma só lei. É como se o mestre pegasse tudo isso que está na doutrina e fosse resumindo naquele exemplo. Primeiro, quando Naga desperta — veja ali, Naga desperta, mas ainda não está ativo. Então, quando ele se torna aquela eletricidade, aquela energia que percorre o espaço, ele começa a atuar em circuitos. Mas todos os circuitos podem ser as sete raças-raízes, podem ser os sete planos, podem ser os sete globos da cadeia planetária, podem ser os sete arris — tudo é o todo em tudo. Tudo é uma só lei. Olha que lindo.

Então vamos aqui à Doutrina Secreta de novo. O símbolo primitivo da serpente representava a sabedoria divina e a perfeição. A gente viu isso no encontro anterior, e sempre significou a regeneração psíquica e a imortalidade. Assim, Hermes qualificou a serpente como o mais espiritual de todos os seres. A gente viu essa passagem semana passada. E aí, tradição hermética? Hermes. Agora, tradição cristã: Moisés, iniciado na sabedoria de Hermes, fez o mesmo no Gênesis. Tradição cristã. E aí a gente sempre faz essa referência ao gnosticismo como o cristianismo primitivo, ali mais próximo desse estudo esotérico que a gente faz. Então, a serpente gnóstica tem as sete vogais sobre sua cabeça. A gente viu semana passada aqui. As sete vogais — a gente até falou aqui do alfa, poderia ser talvez o alfa e o ômega aqui embaixo, nesse símbolo, mas eu trouxe outras serpentes gnósticas. E é um emblema das sete hierarquias dos criadores centenários ou planetários. Por isso temos também a serpente hindu Shesha ou Ananta, o infinito, um nome de Vishnu, cujo primeiro varaha, o primeiro veículo que Vishnu vai utilizar para — visto no espírito — para ter contato com a matéria? Ele precisa de um veículo. Então, o primeiro veículo que ele vai usar para andar sobre as águas ali. O primeiro veículo nas águas primordiais é esta serpente. A gente trouxe a figura aqui do Vishnu deitado sobre a serpente, o veículo dele aqui nas águas. Então, Vishnu no espírito, as águas da matéria, e Vishnu e esse varaha, esse veículo do espírito para entrar em contato com a matéria na Aurora. É, ali está a Aurora? Eu sou um nascente ali no início. Antes de você passar, Tinho, você se lembra daquela outra figura que você trouxe? A Aurora na mão segurando as sete luzes? Então, essas sete luzes também parece que são esses raios que ficam na cabeça da serpente ali? Porque as sete luzes que ela tinha na mão são os sete

raios? E ali também nessas outras, nesses símbolos que você trouxe, sempre existem sete raios na cabeça do leão ou do dragão? E com o corpo de cobra. Isso seria a mesma analogia em diversas tradições? Exatamente. Aqui a tradição gnóstica trouxe vários emblemas das hierarquias, que a gente viu que tem essa analogia com a serpente aqui da tradição hindu, na tradição gnóstica. Que foi justamente isso que a gente vê: que as religiões foram trazendo elementos de outras mais antigas. Isso que basicamente está nas cartas e está na Doutrina Secreta de Blavatsky — essa constante explicitação de que uma tradição utiliza elementos de uma tradição mais antiga do que a outra, do que essa que surgiu. E aí Blavatsky pede aqui nota 200 secreto pra gente ver a nota 231. Assim como os logoi, os vários logos, e as hierarquias de poderes. No entanto, as serpentes devem ser diferenciadas uma da outra, seja o Ananta, o veículo de Vishnu, é uma abstração alegórica, simbolizando o tempo infinito no espaço que contém o germe e que esse germe lança de si periodicamente a fluorescência desse germe, o universo manifestado. Então, é uma abstração pra gente falar que sempre que vai surgir alguma coisa centenária começa de um germe que é um. Então, é um germe. Desse germe surgem o vira três, que vira sete, e dali vai a manifestação sendo sempre obedecendo a essa lei centenária, do um para sete. Enquanto que a Ofis gnóstica, essa serpente aqui, Ofis de Ofídio, que a gente mostrou, continha o mesmo tríplice simbolismo nas suas sete vogais, como o IAO, de uma, três e sete sílabas da doutrina arcaica. Aí chegamos então ao termo, na nota de rodapé que Blavatsky fez — a citação acima —, ela traz a referência ao IAO e às três sílabas, uma, três e sete sílabas, que ela pode ser lida dessas três formas diferentes. É aí o que a Blavatsky falou lá: o primeiro logos, o um é o quê? O

primeiro logos manifestado; o três, o segundo manifestado; o triângulo manifestando-se no quaternário ou tetragrammaton; e os raios deste último no plano material. Então ali ela fala que o um, o três e o sete têm a ver com o primeiro logos, o terceiro e depois os planos da manifestação, os quatro planos. Tio, isso é muito rico e é muito conciso. Veja bem, olha quantos sinônimos a gente tem para esse segundo logos manifestado. A gente viu que era o pai e mãe dos deuses ali atrás. Agora a gente viu o germe. O germe do universo manifestado é o ponto no triângulo que aí está, tá vendo? O segundo manifestado, o triângulo manifestando-se no quaternário é inferior con forma. Então, quer dizer, o germe do universo, segundo logos, é onde a gente tem o O, o E e o IAO de três sílabas, porque forma o triângulo. O triângulo ali em cima com o ponto dentro representa justamente esse logos, o segundo logos, abstrata coletividade dos deuses criadores. E depois ele vai se expressar no mundo con forma, passando pela mente cósmica, que é Mahat, onde há a individualização, porque a mente faz com que cada ser se individualize, que tenha sua própria evolução evolutiva sob a sua lucidez e os seus poderes de cogitação, evolução. Então aqui, veja que interessante, esse nome sagrado contém isso tudo. É impressionante a concisão e a mesma instrução, o mesmo ensinamento é espalhado por toda a doutrina e pelas cartas, fazendo menção aos mesmos personagens com a mesma... Exatamente. E assim eu queria — é interessante que ela podia ter falado o primeiro logos, o terceiro logos e o triângulo, mas é que ela falou o primeiro logos manifestado, que é o primeiro. Depois você tem o segundo e o terceiro logos. São já o segundo, ela fala às vezes que é semimanifestado, mas a gente fala que o segundo e o terceiro são manifestados. Ela fala o segundo logos manifestado. Quer dizer, teve um manifestado, o primeiro manifestado,

e o segundo manifestado, que é o terceiro. Então ela vai sempre exigindo que a gente esteja entendendo o texto para a coisa fazer sentido. Então, o um é o primeiro, o três é o terceiro, mas que é o segundo manifestado. E depois as sete sílabas estão justamente no quaternário, que são os quatro planos manifestados.

Trecho 6

Estados, que vão ter aí os sete globos, por isso o centenário. A gente vai ver isso mais à frente. E ele fala que os raios desse último, quer dizer, do Logos Três, amarram no plano material, que são os quatro planos com forma. Exatamente. Muito bom.

Então o termo Oru aparece aqui na Doutrina Secreta, na cosmogênese, na Estância Três. A vida é uma, a vida una. Então, "a raiz permanece, a luz permanece, os coágulos permanecem e ainda Oru é uno". Então vão surgindo os elementos na manifestação de um cosmos. E esse princípio único continua sendo único e vai se diferenciando. Então aqui a explicação sobre esse termo. Oru conta aqui: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete — são as sete letras, as sete vogais. Então quando a gente falar desse termo, a gente vai lembrar das sete vogais a partir de agora. Oru é uno. Refere-se à não separação de tudo o que vive e existe, seja em estado ativo ou passivo. Oru é descrito como pai-mãe dos deuses nos comentários, ou como o seis em um, ou a raiz centenária de onde tudo surge. Em certo sentido, o Oru é a raiz sem raiz de todas as coisas, sendo portanto um Parabrahman. Em outro sentido, ele é um nome para a vida una manifestada, a unidade eterna e viva. Então, perfeito. Do um dessa vida una vão surgir todas as vidas que vão ocupar aquele cosmos.

Vamos deixar Anaxágoras falar um pouquinho: aquilo que Anaxágoras chama de inteligência do mundo. O Nous era chamado de movimento de vida una, ou de Brahman na Índia, já eras antes do ano 500 antes de Cristo. Então ela está dizendo que o que Anaxágoras trouxe no ano 500, muito antes na Índia, eles já tinham esse mesmo conceito. É sempre aquela história de novo de os mestres fazerem referência à primeira tradição de onde isso tudo veio, que seria do hinduísmo, e mostrando que isso foi replicado para as outras tradições. Todas as frases são impressionantes aqui, porque quando você pega ele como uno, ele se refere a essa ideação, o pensamento divino, a mente universal, que está passiva, depois no estado passivo, mas depois ele começa no estado ativo primeiro como pai-mãe dos deuses, que é o seis em um, que é o Logos Dois. Depois ela fala que o Oru também pode ser um Parabrahman, se você estiver vendo sob a ótica dos hindus, que é a raiz sem raiz de todas as coisas. Mas em um outro sentido, talvez aqui na linguagem teosófica esotérica, isso é somente um nome para a vida una manifestada. A vida una que estava passiva recebe a energia e ela se torna uma vida una manifestada nos sete planos.

E depois ainda vem aqui o Anaxágoras, que fala que a inteligência do mundo, aquilo que a gente viu, que ela é inteligência, a mente divina oculta no Logos, aqui ela se manifesta nos planos como Jivatma, aquilo que a gente estudou tanto, que Jivatma era o Logos com vida. Você lembra que a gente estudou muito naquele retorno dos princípios depois da morte do homem? Então, Jivatma é uma forma de expressão da vida. E a vida, quem dá? A energia. E quem é a representante dessa energia de vida nos quatro planos? Fohat, que é por meio de Fohat que a ideação consegue se tornar uma forma, dar forma àquele pensamento

do Jan Chohan. Então, veja bem, esse nome sagrado, essas sete vogais, ela explica em todas essas acepções o que é a cosmogênese como um todo. Exatamente. É incrível, é incrível, incrível. E aí tudo relacionado, o mestre pega isso como as sete vogais sagradas. Aí a gente vem com esse nome sagrado que é o Oru, e que o mestre fala que ninguém — ele tem uma potência tão incrível que ninguém consegue utilizá-lo sem estar na frequência, na entonação e na pronúncia correta. Por isso que ele nos mostra isso, para que a gente, ainda como homem não responsável, não use isso sem cuidado, sem sabedoria, para aplicá-lo. Então, quer dizer, esses ensinamentos que o mestre Blavatsky — quer dizer, Blavatsky, por via do mestre — é uma expressão do mestre. É impressionante isso. Isso me entusiasma demais quando a gente consegue perceber isso tudo.

E agora eu vou trazer algumas hipóteses aqui de interpretação desse som, de como o som das sete vogais poderia ser lido como um, como três e como sete também, juntando outras citações aqui que a gente vai trazer. Então a gente tem aqui o Om, ou o AUM, que lá no site da Sociedade Teosófica de Adyar fala que esse acima do emblema da Sociedade Teosófica está a palavra sagrada Om do hinduísmo em caracteres sânscritos. As três letras representando a trindade. Aqui então são três letras. Eu não sei se essa aqui é uma, essa aqui é outra e aqui lá de cima a terceira. Deve ser isso. Então tá aqui, ó, aqui tá mais separadinho. Então, no nosso emblema, o selo da Sociedade Teosófica — "não há religião superior à verdade" — lá no alto a gente tem esse do hinduísmo, que seria uma forma de, nessa interpretação que eu estou fazendo aqui, de leitura em uma sílaba, um, e depois em três sílabas seria o AUM, que a gente vai ver nesse outro emblema aqui, que é também chamado da palavra sagrada, e lá em cima esse Adi, sendo

mula para... A gente dá um zoom aqui. Você pode voltar um pouco antes naquele lá? Sim, veja. E pega esse símbolo aqui, o da Sociedade Teosófica tá mais estilizado, mas o antigo aqui é a mesma coisa. A gente vê que aqui tá falando Naga desperta. Quando Naga desperta, existe Fohat, a energia. E essa energia, que a vida una, essa vida em manifestação, ela circunda esse espaço. Tem aquilo que o mestre falou ali, Naga. Quando essa vida está ativa, ela trabalha em circuitos. Veja ali que já tá aqui. Olha só que legal. E olha o que você tá falando. Se a gente olhar aqui, aqui a cabeça da Naga tá encostando no símbolo de Fohat. Isso aqui tem um espacinho, não tá? Esse aqui não deve tá certo. O certo deve ser esse aqui. E justamente a Naga desperta, o hálito dela solta a energia Fohat para percorrer o circuito aqui. Perfeito. É isso aí. Então, nesse símbolo aqui, que é o original, tá mais correto do que esse. E acima dele, o quê? A vida una aqui, que vai descer para dar vida a todos os seres aqui nessa manifestação. Então, para que isso ocorra, para que Naga desperte e fique com força, com energia, a gente já precisa que o Oru já esteja em trindade, que aqui, que é esse AUM, ele já esteja em trindade para que isso seja possível. Então, nesse simbolismo, a gente tem essa instrução do mestre contida. Exatamente. Esse emblema da Sociedade Teosófica, o mestre diz, quem conseguir interpretar ele em todas as suas nuances é potencialmente um adepto. Então agora a gente, olhando a figura certa aqui, viu que tem mais uma interpretação do Fohat surgindo a partir do...

Trecho 7

a Naga desperta aqui? O hálito é que é o sopro. O sopro é o movimento. É o fogo que faz o movimento na vida. Esse espacinho aqui está furado. Temos que encostar a cabeça da Naga no símbolo do fogo. Exatamente. E aqui então essa é a doutrina hindu; lá no Sem-Vel tem toda essa

mesma... todos esses elementos, a partir dali, dando um zoom ali no Aditi — é um sinônimo de Mulaprakriti. E aqui aparecem os três elementos, o A, o M, que seria então uma forma de pronúncia do OM, três sílabas. E ela diz aqui: o triângulo superior contém o nome inefável, já que este não tem nome — inefável, é que não é tangível. Ali é um nome que não é pronunciado. É o A que só deve ser pronunciado mentalmente sob pena de morte. O Parabrahman não revelado, o princípio passivo. Então, lá no Sem-Vel, o que você achou disso? Então, perfeito. Mas aí a gente ainda não está nos sete planos da manifestação. Aí a gente ainda está na primeira tríade não manifestada, aquela que o Avatar fala muito e a gente quase não estuda, porque a gente estuda a primeira tríade manifestada, que é o triângulo onde está o ponto no ovo do mundo, que é o Logos, o Pai-Mãe dos deuses. Então aqui a gente... esse aqui, exatamente. E esse aí é aquilo que fala, onde está o pensamento, a inteligência, a mente oculta? Esse aí é a mente, a inteligência, a sabedoria oculta que vai começar a se manifestar na aurora da diferenciação, por meio do triângulo, primeiro triângulo manifestado, e os quatro planos inferiores. Então, aqui a gente está falando da passividade. Aqui a gente está terminando para lá e aí iniciando um novo ciclo. É isso. Então, vamos lá.

Então aqui sobre essa questão dos circuitos — ciclos também é uma forma de falar de circuito como ciclo. Esse axioma oculto resume esse movimento do um para três para sete? Quer dizer, do absoluto. E ela fala aqui, como reza um axioma oculto: a unidade, o um, o princípio único se converte em três. O um se converte em três, o plano da substância primordial. Então aqui na cosmogênese a gente tem essa transformação do um em três. Na estância dois, que fala da ideia de diferenciação, do um diferenciando-se em três, e depois o três gera o quatro. Quer dizer, os quatro planos da manifestação aqui, que é o

despertar do cosmos. Então o cosmos vai surgir, os seus planos, os seus globos. Aqui na estância três, ela começa a falar desse despertar dos códigos e depois as hierarquias centenárias que vão gerenciar toda essa cadeia de mundos aqui embaixo. Cada globo, cada planeta ou cada sol com a sua cadeia centenária de globos aqui. Então a gente teria: depois que o três gera o quatro, a gente dentro do quatro tem os sete elementos aqui. É o virando três, virando sete.

Eu queria comentar uma coisa porque é o sete dentro do sete. Se a gente pensar nos sete planos da manifestação, a gente vai do um, vai a três e depois é o quaternário, quatro. Mas se a gente pensar na manifestação como um todo, no Mahapralaya, no cosmos manifestado, aquele que está dentro do Hiranyagarbha, do ovo do mundo, ovo dourado, são os sete planos. Então a gente tem de somar três mais quatro. Isso dá os sete planos da manifestação, que a gente vai ver muito naquele trabalho que você fez dos sete céus. Então a gente tem $3 + 4 = 7$. E dentro do quatro, a gente repete de novo essa regra, essa lei centenária de toda a manifestação. Dentro do quatro, a gente vai ter sete globos, sete cadeias, sete mundos. Então isso aqui é muito importante a gente perceber, porque é uma chave muito importante para a gente estudar as outras coisas. Porque quando ela fala de sete céus, são os sete planos: $3 + 4$. Quando ela fala de sete mundos, sete planetas, é o sete dentro do quatro. Exatamente. A gente vai destacar isso, mas acho que hoje não vai dar tempo, vai ser semana que vem.

E aqui falando ainda desses ciclos, desses circuitos. Então o circuito é: pelo quatro aqui, o quaternário, os quatro planos aqui da manifestação, retornamos ao três. Então, enquanto estava se desmembrando, se diferenciando, a gente está no processo de manifestação, que vai o um

virando três, virando quatro; e depois, no final, no momento de recolhimento do pralaya, que vai começar pelo quatro, retornamos ao três. Então já começa o circuito a diminuir ali? Então do quatro voltamos ao três e pelo divino três nos expandimos no um absoluto. Então voltou do um para... a volta à casa do pai? Então do um abriu pro três, pro quatro, depois do quatro pro três, pro um.

Então aqui isso que a Blavatsky está falando é o primeiro circuito, é o Maha-circuito. A gente desce do um até o quatro — 1, 3, 4 — os sete planos, e é o seu arco descendente. Depois, na volta, terminando o Mahamanvantara, nós temos o arco ascendente, onde volta tudo pro um. Então esse é o primeiro circuitão? Esse é o circuito mais longo, que demora mais a se completar, que ele chega do inefável, ele chega até o máximo da materialização de um Mahapralaya e depois, na subida, ele sai da máxima manifestação, materialização no Mahapralaya, no Mahamanvantara, desculpe, do Mahamanvantara, e depois ele tem o ascendente para o máximo da espiritualidade, quando tudo se volta pro um. Então esse é o primeiro circuito da onda da vida passando no Mahamanvantara. Exatamente. Acho que você usou um termo novo que eu acho que é perfeito: é o Maha-circuito. É isso mesmo. Aqui a gente está mostrando, estão todos os outros menores. Isso. Exatamente. Então retornamos à unidade ali.

E aí eu, a partir dessa figura, fiz uma hipótese aqui, que é essa que eu quero fechar com vocês. Então esse um seria equivalente ao OM, que é o mantra da unidade lá, o mantra do princípio único; o três seria o A; como a gente viu; e o sete seria o U. Então seriam talvez três formas de... eu trago aí como uma hipótese de consolidar esses três sons aí que ela falou várias vezes, de que ele pode ser cantado, essas sete

vogais, de três formas diferentes. Talvez essa seja uma forma da gente lembrar também desses três sons místicos que estão sempre aparecendo aqui na tradição, no estudo da Doutrina Secreta. Eu só queria fazer um comentário, que eu acho que está perfeito. E esse sete seria o U realmente, e é o dos sete globos, de uma cadeia planetária ou solar ou estelar, qualquer coisa, de qualquer cadeia de globos. Mas o U, quando a gente pensar nos sete planos, ele também representa os sete planos inteiros, do primeiro até o sétimo? Sim, a gente vai ver isso justamente. A gente vai ver isso. Então ele poderia também estar do lado... Ai, desculpa, eu te cortei. Não, a gente vai ver essa questão das sete vogais correspondendo a cada um dos planos lá na explicação.

Trecho 8

da Blavatsky no Pistis Sophia? Mas vai ser no encontro, ia ser hoje, mas não vai, não vamos chegar lá, não. Vamos. Só mais uma coisa ali: quando tem o UM, que é o absoluto, aquele ponto no círculo, seria o Logos um e manifestado? Mas se a gente pensar na tríade, a gente já pode começar o A1 na primeira tríade não manifestada, ali onde você mostrou o nome inefável e com o A, o O, o U e o M. Ali o O1 também já está na primeira tríade manifestada e se reflete na primeira tríade manifestada. Então ele sai dali do Mahapralaya, no término do Mahapralaya, como a primeira tríade não manifestada, e depois esse A1 se reflete na primeira tríade manifestada. É isso que eu tava querendo dizer.

Então esse foi o estudo sobre as sete vogais correlacionadas com o OM, que eu busquei na literatura que a gente tem estudado aqui. Ficou muito elucidativo, ficou muito bom. Fizemos umas referências muito boas. É muito abstrato esse termo. Eu sempre ficava com ele assim, nossa, aquela palavra estranha ali. Agora a gente tem uma linha de

raciocínio sobre o som vindo do um até o sete.

Agora, se tem perguntas, vamos responder elas ao vivo aqui para o pessoal.

Tem uma pergunta do YouTube. A Fátima Lav fez uma pergunta logo no início: podemos dizer, no plano cosmogônico, que as sete vogais são a diferenciação do princípio uno? Sim. A gente acabou depois apresentando um pouco mais esse detalhamento, até da questão do OM vindo pro A1 e vindo pro ERU, que seria uma forma de tratar essas sete vogais numa outra nomenclatura. Mas é sempre exatamente isso que você pegou aqui. Tem às vezes uma questão de não ser uma diferenciação? Ela começa falando de emanção, e depois é que começa a diferenciação? Tem uma sutileza ali que às vezes a Blavatsky diferencia a emanção de... é um outro termo que eu não tô lembrando bem agora: radiação e emanção. Radiação seria alguma coisa que não tenha vontade envolvida? Na radiação, por exemplo, um material radioativo, ele radia sem ter vontade de alguém para radiar. E a emanção já seria alguma coisa em que a vontade está ativa? Então tudo isso poderia ter a ver com isso.

Mas a emanção é quando ainda fica vinculado a quem emanou? Porque na volta forma aquele cordão que vai voltando, e na radiação não fica preso aquilo que radiou. Volta para ele, mas não fica preso como a centelha que pende, que pende chama, pelo fio de forrat. Agora, o que é mais importante é a diferenciação e a manifestação. A diferenciação são os sete planos da diferenciação, e a manifestação é o espírito utilizando os planos de diferenciação para se manifestar. Então, essas sete vogais o Marcelo vai explicar muito da próxima vez, Fátima, porque as sete vogais representam sete céus. A gente vai ter uma

correlação muito grande. E os sete céus são sete planos da diferenciação, onde o espírito se manifesta. Então é isso mesmo. As sete vogais são a diferenciação, a manifestação do princípio único nos sete planos da diferenciação. É isso. Tá certíssimo.

Agora, esse último, Fátima, eu gostaria de te responder porque eu pensei muito nisso. Isso também me intrigou muito. Por que é que o mestre colocou Memnon ali? Então, essa pergunta que a Fátima fez, que eu fiquei intrigada com a resposta de Memnon às vibrações dos raios primordiais. Qual seria o sentido dessa citação? Ou será um daqueles mistérios tão comuns na filosofia esotérica? Então, o mestre termina aquele koan dele falando: "Isso significa somente isso?" Ele termina aquilo do Memnon: "Isso significa somente isso."

Agora, Fátima, vão pensar, vão pegar o personagem da mitologia grega chamado Memnon. Memnon era o filho da Aurora. O filho da Aurora que respondia sua mãe, a Aurora, que é isso que o Memnon tá fazendo ali naquela frase. Mas vamos pensar bem: quem é o filho da Aurora? É o Manvântara. É a manifestação. E quem é que vem com a aurora? Quem é gerado pela aurora? O sol. O sol que nasce. E o sol responde a sua mãe, a aurora, por meio dos seus sete raios. Os seus sete raios ele vai emanar, emitir esses sete raios. Então ali o mestre colocou Memnon como se fosse um representante da mitologia grega do sol que nasce e que responde a isso, a esse nascimento, a essa oportunidade que a mãe deu, que é a Aurora, por sete raios. E aí ele emite esses sete raios que vão percorrer os sete planos da diferenciação, se manifestando nesses sete planos. Então é o princípio uno, que é o sol, que é o Logos, que é a luz manifestada, que vai percorrer esse circuito. Então ali eu vejo que Memnon tava fazendo o papel do sol que nasce pela mãe

Aurora e responde a ela emitindo, irradiando os seus raios, os seus sete raios. Eu não sei se assim faz sentido para você, Fátima, se a gente pode pensar nessa analogia, se o mestre queria nos dizer isso, que depois ele fala: "Isso significa somente isso." Mas aquilo que eu já comentei muito com o Marcelo, eu falei: "Puxa vida, o mestre fala que isso significa somente isso." E a gente passou dias, horas estudando para entender que o mestre tava falando que era somente aquilo. Então, quer dizer, a gente gastou muito tempo tentando entender porque o mestre tinha falado assim. A gente tá entendendo que só significava somente isso.

É sempre uma síntese desses circuitos? Eu nunca tinha prestado muita atenção nesse termo circuito, mas me chamou muita atenção nesse estudo que a gente tá fazendo aqui, que são sempre coisas similares, a gente tentar enxergar circuitos com vogais, com notas, com notas musicais. Então, como que a gente enxerga uma forma de uma energia percorrendo alguma coisa? O termo Honda, que foi criado pelo CET, seria uma forma de falar de circuito? Quer dizer, ele dá uma volta completa, então percorreu um circuito?

Trecho 9

MEMNON E AS SETE VOGAIS

Sete vogais cantadas pelos sacerdotes egípcios para os sete raios do sol nascente, às quais Memnon respondia. Quer dizer, Memnon não responde às vogais cantadas. É outro jeito de ler também? Ele está respondendo ao que foi cantado pelos sacerdotes. Mas os sacerdotes cantavam as vogais para os sete raios do sol nascente. As vogais cantadas eram para os sete raios, para os raios do sol nascente. O sol nascente nasce pela aurora. Memnon, sendo filho da Aurora, ele seria o

sol que responderia à sua mãe pelos sete raios. Então, quando os sacerdotes cantam as vogais para os sete raios do sol nascente, Memnon não respondia à sua mãe, que era Aurora? Ele respondia às vogais para responder à sua mãe, que era Aurora? Porque Memnon é o filho da Aurora. Então eu pensei assim, é uma interpretação, não sei se a Fátima concorda com isso e vocês também. É engraçado esse negócio de filho respondendo à mãe. Me lembrou a infância aqui em Brasília, que as mães gritavam pela janela para os filhos subirem: "Tá na hora de subir, já vou". Mas ali é no encerramento do pralaya do Manvântara, já pralaya, porque teve de subir para acabar o dia.

AS SETE VOGAIS E O RU

As sete vogais: hoje continuamos a investigação das sete vogais, associando a esse termo o Ru, que também tem sete vogais. Então, em vários pontos da literatura, esse termo "sete vogais" aparece. Aqui apareceu na carta, e a gente fez esse estudo hoje, foi da semana passada e nesse, os dois a gente está explorando essa questão das sete vogais, quais eram as vogais gregas, e a gente trouxe toda essa pesquisa, e hoje associou as sete vogais ao Ru. Então, foram os dois últimos encontros que a gente está fazendo. Se quiser perguntar alguma coisa sobre as sete vogais, ainda está em tempo.

Eu gostaria que você visse o episódio anterior, porque lá está muito interessante, porque a gente conseguiu pegar uns rituais que os sacerdotes egípcios faziam com as sete vogais, sendo que a primeira vogal corresponde à direção leste, que é o sol nascente. Então o mestre ainda pegou essa exceção de um ritual voltado para o sol nascente. Ficou muito rica essa correspondência que o mestre fez nesse pequeno Koan, que a gente gastou muito tempo para tentar dividir as partes para

fazer uma síntese. Então acho que vale a pena você ver, porque foi um encontro muito interessante, muito até divertido, porque a gente trouxe umas correlações que acabaram enriquecendo e trazendo, ficou muito lúdico. Então, se você puder ver, eu acho que seria interessante.

A gente está vendo a questão das notas musicais, das cores, das vogais. São vários tipos de pontos de vista, sempre septenários. E a gente está tentando fazer essas correlações na Doutrina Secreta, no volume 6. Ali tem umas tabelas enormes que a Blavatsky faz: cores, planetas, dias, sons. Ela faz umas correlações que, quando a gente vê a primeira vez, fica até meio atordoado com tanta correlação. Mas aqui nesse estudo acho que a gente conseguiu pelo menos falar dos sons e das notas musicais, mostrando uma correlação entre eles. E no próximo encontro a gente vai terminar essa pergunta quatro, trazendo a síntese que a gente até já conseguiu elaborar. E aí eu vou tentar até fazer a síntese por meio de uma meditação. A resposta à síntese é essa: essas partes que a gente teve de estudar separadamente, depois a gente vai fazer uma síntese por meio de uma meditação. Eu acho que vai ficar bem interessante.

Só lembrando, a gente está tentando trazer esse método de pegar um conceito que a gente lê e aí a gente estuda as partes e no final faz a síntese. Então, nesse caso, a Virgínia dividiu ali em algumas perguntas, a gente está respondendo cada pergunta e, no fechamento, a gente reúne todos os elementos estudados separadamente numa síntese, e fechando com essa meditação semana que vem. Hoje a gente já estava trabalhando nisso. Então, espero que na próxima semana a gente feche essa frase.

É interessante que essa aqui não é o final da resposta quatro do mestre. E a gente vai entrar em outro bloco, que o mestre vai falar agora da descida da mônada, do reino mineral até chegar ao final. E também a gente vai ter de dividir em partes para poder fazer essa exegese toda. A gente vai parar em "tudo é uma só lei". A gente vai começar com "tudo é uma só lei", porque é igual ao Logos: ele é filho do pralaya e pai do Manvântara. Então tudo é uma só lei. O filho desse estudo que a gente fez vai ser o pai do próximo estudo que a gente vai fazer com a resposta do mestre. Então vai ser interessante também.

AS CORRELAÇÕES SEPTENÁRIAS E OS SENTIDOS

Me corrija se eu estiver errado, mas pelo que entendi sobre essas questões das sete vogais, elas de alguma forma são análogas ao desenvolvimento dos sete corpos, sentidos, manvântaras, etc. Tem alguma chance de ter algo relacionado às mãos também, ou aos sentidos e funções das mãos? Porque cada dedo representa um elemento mais o espírito. Desse estudo de mãos eu nunca vi nada, sabe? Para mim está sendo novidade aqui. Mas essa questão das relações entre as naturezas septenárias dos planetas, dos dias da semana, dos sons, isso com certeza ela explora aqui nesse volume seis, que na verdade é dos escritos compilados. Ela traz umas tabelas que a gente fica... Deixa eu ver se aqui esse tabelão aqui. É uma tabela sobre... aqui nas páginas depois da 203, entre a 203 e a 204, ela correlaciona elementos: terra, água, ar, fogo, éter, até o caos, com locas, com talas, com planos, hierarquias, com princípios. Aí os sete princípios, com os sentidos. Aí talvez chegue no que você está falando aqui. Aí nos sentidos tem os tanmatras, sendo o primeiro olfato, o segundo gosto, o terceiro vista, o quarto tato, o quinto audição, o sexto

compreensão espiritual, que seria o jnana, e o sétimo, o sentido superior e sintético que abrange todos os outros. Então aqui a questão do tato teria a ver com as mãos que você falou? Seria o quarto sentido aqui. Depois fala das cores, fala das consciências, órgãos dos sentidos. Aparece de novo aqui: nariz, língua, olhos, corpo, ouvidos, corpo e luz de... Órgãos da ação. Aparece de novo aqui, ó. Órgãos da ação. Aí são os karmendriyas. Primeiro são os órgãos da geração. Segundo, as mãos. Terceiro, os pés. Quarto, órgãos de evacuação e excreção. Quinto, órgãos da fala. Sexto, alma. Sétimo, espírito. Mas você vê, a gente vê isso aqui, eu fico até atordoado com tanta correlação. E ela não detalhou isso aqui depois? Ela botou tudo jun...

Trecho 10

que são elementos que se correlacionam. Eu acho que esses são estudos que os discípulos fazem com os mestres, sobre tantas correlações. Vai ter um texto depois, pequeno, mas não tem uma explicação didática de todos esses elementos. A gente teria de fazer essa correlação. A gente podia pegar essa linha horizontal que liga o Carmendria, que são os órgãos de ação e de expressão. Carvendria, órgãos de ação. Os órgãos dos sentidos. A gente teria de pegar essa linha e percorrer da mão. A gente tem de trazer todos os elementos correspondentes dessa linha, para ver de onde é que vem. Você consegue, por exemplo, olha só: o órgão de ação, que são as mãos, está no segundo nível, junto com o segundo princípio, o duplo astral — começando do primeiro, corpo físico, segundo, duplo astral — e as mãos e o tato estão no quarto. Então, o tato deveria estar perto das mãos? Aí a gente não é, mas o tato está no corpo inteiro. Ele está na pele. A gente teria de fazer um estudo. Eu acho que é uma ideia, mas se a carta 44 a gente está quase um ano estudando, e a gente está na quarta resposta ainda. Imagine a gente fazer um estudo dessa tabela. Seria uma

coisa para décadas, se a gente fosse expandir para pegar todas as citações, porque agora que a gente conseguiu, a gente pegou um banco de dados do Collected Writings, de todas as publicações, a gente ampliou muito o nosso escopo de pesquisa. Então, imagina a gente pesquisando tudo isso nessas obras todas. É o tanto que a gente vai trazer. Então, era um estudo muito longo, mas deve ser um estudo mais completo que a gente possa fazer, porque a gente vai interligar princípios, órgãos, cores, números, planos, princípios. Então a gente teria uma abrangência enorme. Fica para algum dia. Se os médicos falarem desses assuntos aqui, a gente vai tentar de repente, claro, porque a gente não lembra de tudo que leu. Eu, pelo menos, cada vez que eu vou relendo aqui as cartas, para mim é uma nova interpretação. Mas fica a sugestão. Obrigado pela pergunta. Bom, acho que terminou. Então, a gente agradece a vocês pelas perguntas, pelo interesse e uma boa semana a todos. Boa noite a todos, muito obrigada e até o próximo encontro, que a gente vai trazer a síntese desse longo estudo que a gente fez desse COAN conciso e enigmático do mestre Mória. Até mais. Obrigada. Tchau, gente. Tchau.

Gerado por GET HERMES • 2026-10-05 • Vídeo: youtube.com/watch?v=SxGgDA4AoNk • Resumos Teosóficos
· TEOSOFIA.org